

Música como elemento de ação interdisciplinar

Music as an element of interdisciplinary action

Leonardo Magela Lopes Matoso¹
Agostinha Mafalda Barra de Oliveira²
Rinaldo Medeiros Alves de Oliveira³

RESUMO

Tem-se discutido a música na literatura devido ao seu hibridismo que abarca a interdisciplinaridade. Discutir música isoladamente é uma tarefa utópica, uma vez que seu caráter interdisciplinar agrupa áreas que diversas vezes se sobrepõem como arte, saúde, educação, psicologia, administração, antropologia, ciências humanas, dentre outras. Desse modo, o objetivo desse artigo é sintetizar as evidências científicas acerca da ação da música como elemento interdisciplinar. Para alcançar esse objetivo, realizou-se uma revisão integrativa utilizando descritores controlados (música – musicoterapia – interdisciplinaridade), obtendo-se, como amostra, 50 artigos. A amostra dividiu-se em periódicos nacionais e internacionais; sendo a maioria com *Qualis* A1, A2 ou B1. As evidências científicas apontam; especialmente nas áreas da saúde e da educação; que as intervenções musicais reduzem significativamente índices de ansiedade, estresse e dor; melhoram o condicionamento físico e os padrões cardiorrespiratórios; minimizam a depressão, potencializando o desenvolvimento humano. Diante dos resultados, pode-se concluir que a música se mostrou um instrumento eficaz para utilização em intervenções na área da saúde e educação, podendo ser ampliada em outros campos disciplinares, mostrando ampla ação interdisciplinar.

Palavras-chave: Música. Musicoterapia. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

Music has been discussed in literature because of its hybridism that encompasses interdisciplinarity. Discussing music in isolation is a utopian task, since its interdisciplinary character groups areas that overlap several times such as art, health, education, psychology, administration, anthropology, humanities, among others. Thus, the purpose of this article is to synthesize the scientific evidence about the action of music as an interdisciplinary element. To achieve this goal, we performed an integrative review using controlled descriptors (music - music therapy - interdisciplinarity), obtaining, as sample, 50 articles. The sample was divided into national and international journals; most of which are A1, A2 or B1 *Qualis*. Scientific evidence points out; especially in the areas of health and education; that musical interventions significantly reduce anxiety, stress, and pain; improve physical fitness and cardiorespiratory patterns; minimize

¹ Graduado em Enfermagem pela Universidade Potiguar (UnP). Especialista em Saúde e Segurança no Trabalho pela Faculdade de Enfermagem Nova Esperança (Facene). Mestre Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semiárido (Ufersa) e Discente de Jornalismo pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern). E-mail: leonardo.l.matoso@gmail.com.

² Graduada em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutora em Psicologia Social e Antropologia das Organizações pela Universidad de Salamanca (USAL). Atualmente, Professora na Ufersa. E-mail: agostinhamafalda@ufersa.edu.br.

³ Graduado em Ciências Contábeis pela Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte (Farn). Especialista em Auditoria Contábil pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Discente do Programa de Pós-Graduação – Mestrado Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa). Atualmente, Gestor de Pessoas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (Ifrn). E-mail: rinaldomedeiros@gmail.com.

Agradecemos o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por subsidiar este trabalho e colaborar com o Ensino, Pesquisa e Extensão no Brasil.

depression by enhancing human development. In view of the results, it can be concluded that music has proved to be an effective instrument for use in health and education interventions, and can be broadened in other disciplinary fields, showing broad interdisciplinary action.

Keywords: Music. Music Therapy. Interdisciplinarity.

1 INTRODUÇÃO

A música é um fato cultural integrado em todas as atividades humanas e é utilizada como recurso no cuidado em saúde desde a antiguidade. Na Grécia antiga, por exemplo, a música era usada para cura e ritos de guerra (BARANOW, 1999). Durante a Renascença, por volta de 1450, a música era utilizada como instrumento para a alma, direcionado para pessoas com transtornos mentais. Após a Segunda Guerra Mundial, os benefícios da música recaem especificamente sobre a saúde física e mental do homem, passando a ser reconhecida como ciência e incorporada nas práticas de atuação em saúde, educação e sociedade (BENENZON, 1988).

De acordo com Benenzon (1988), a música é capaz de exercer ações psicofisiológicas, favorecendo o indivíduo através de seus elementos constitutivos (ritmo), elementos ativos (melodia), elementos afetivos (harmonia) e elementos intelectuais, alcançando o bem-estar e solucionando problemas por meio dos métodos musicoterápicos. Imbuídos desse pensamento, estudiosos se propuseram a trabalhar a música com o objetivo de evidenciar seus benefícios nos mais variados campos de atuação (tais como: PINTO JÚNIOR *et al.*, 2012; SCARPETTA *et al.*, 2012; SERNA-OVIEDO; RIVERA, 2013; CAITANO *et al.*, 2014; YONG *et al.*, 2014; CASTRO; FERREIRA, 2016).

Tal fato denota que a música vem sendo discutida em diversas áreas e que, em termos teóricos, pode propiciar diversos benefícios. Face ao exposto, esse artigo busca materializar a importância científica da música na prática interdisciplinar, tendo em vista que a apreensão acerca das ações da música torna-se fundamental para que profissionais de diferentes áreas possam reconhecer a importância de sua utilização e incorporá-las ao seu dia-a-dia.

Cabe ressaltar que não há conhecimento de estudos no Brasil, nem tampouco em outros contextos geográficos que compilem e detalhem os construtos e que evidenciam, cientificamente, a abordagem da música como ação interdisciplinar. Os poucos trabalhos que abordam esses construtos o fazem de forma individualizada. No entanto, a música não é uma área isolada em si mesma, mas sim um agrupamento de múltiplas áreas, como: artes, saúde, educação, psicologia,

filosofia, dentre outras. Isso torna difícil estabelecer fronteiras claras entre “até onde vai” o uso e os efeitos da música e sua ação interdisciplinar. Portanto, o objetivo geral deste artigo é sintetizar as evidências científicas acerca da ação da música como elemento interdisciplinar.

2 MÉTODOS E MATERIAIS

Este trabalho trata-se de um estudo de abordagem qualitativa por meio de revisão integrativa da literatura, com vistas à identificação dos construtos que mostram a ação da música como elemento interdisciplinar. O método permite uma compreensão ampliada do fenômeno que se deseja pesquisar, uma vez que integra uma gama de estudos teóricos e empíricos (WHITTEMORE; KNAFL, 2005).

A estratégia de identificação e seleção dos estudos realizou-se junto às seguintes bases de dados: *Medical Literature Analysis and Retrieval System On-line* (Medline), via *US National Library of Medicine National Institutes of Health* (PubMed); *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (Lilacs), via *Biblioteca Virtual em Saúde* (BVS); e na *Base de Dados de Enfermagem* (Bdenf) via BVS.

Adotaram-se os seguintes critérios para seleção dos artigos: registros de estudos empíricos experimentais e não experimentais, em texto completo, sem limite temporal, nos idiomas português, inglês, espanhol e italiano, que apresentassem evidências científicas da música e sua ação interdisciplinar na saúde, educação ou em outras áreas. Excluíram-se resumos, cartas ao editor, livros, estudos que não abordavam a temática proposta, bem como, artigos de revisão.

Para operacionalizar a pesquisa, utilizaram-se as palavras-chaves “música – musicoterapia – interdisciplinaridade”, associadas a descritores específicos em conjunto com o operador booleano “AND”, aplicando a estratégia de busca “música” OR “musicoterapia” OR “interdisciplinaridade” no título do artigo. Os documentos incorporados no estudo foram analisados criteriosamente, construindo-se, para tanto, um formulário específico, com objetivo de fornecer maior visibilidade aos achados. Também nesse sentido, organizaram-se quadros contendo sínteses das informações como: autoria; título; ano de publicação; local onde foi desenvolvido o estudo; periódico em que o estudo foi publicado; classificação Qualis / Capes; tipos de ações musicais que foram adotadas nos estudos, bem como os seus principais resultados.

Destarte, o tratamento dos dados desenvolveu-se por meio de estatística descritiva, e os resultados foram apresentados em quadros e distribuídos em forma de frequência absoluta e relativa. A autenticidade de todas as referências e autores citados foi mantida de forma rigorosa, de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnica (ABNT).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A busca eletrônica dos descritores (música OR musicoterapia OR interdisciplinaridade) deu-se de forma associada, identificando-se 610 artigos. Depois da análise dos títulos, excluíram-se as repetições, considerando todos os critérios de inclusão. Feito isso, apenas 308 artigos restaram como disponíveis em texto completo, sendo: 182 em português; 59 em espanhol; 61 em inglês; e 6 em italiano. Assim, procedeu-se à leitura exploratória dos títulos, identificando inicialmente 84 trabalhos para leitura flutuante, desses, excluíram-se mais 34, por não se adequarem a temática proposta. Sendo assim, o *corpus* desse estudo constituiu-se por 50 artigos.

A análise dos artigos elencados para revisão integrativa revelou que os autores construíram objetivos claros ao realizarem os estudos. Nesse ínterim, apontou que a maioria dos estudos (62%), foi realizada com adultos na faixa etária de 18 a 59 anos; restaram 18% que trabalharam com crianças de 0 a 10 anos; 8% que tiveram como público-alvo idosos com idade de 60 a 72 anos; e, ainda, 12% que trabalharam com adolescentes de 10 a 17 anos de idade.

Com relação às localizações geográficas dos estudos o maior quantitativo analisado foi no continente americano (86%), principalmente no Brasil (60%), divididos entre os seguintes Estados: São Paulo (26%); Paraná (8%); Rio Grande do Sul (8%); Rio Grande do Norte (6%); Ceará (6%); Alagoas (4%); Pernambuco (4%); Rio de Janeiro (4%); Minas Gerais (4%); Bahia (4%); Santa Catarina (4%); Goiás (4%); e Sergipe (4%). Os demais estudos realizados no continente americano desenvolveram-se no México (8%), Chile (4%), Colômbia (12%) e Bolívia (2%).

No tocante à localização geográfica de publicação dos artigos, salienta-se que o quantitativo de estudos encontrados no Brasil pode-se justificar pela implementação de políticas públicas no campo da saúde e educação. Em 2008, foi sancionada no Brasil, pelo Ministério da Educação e pela Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), a Lei nº 11.769, que determinou a presença do ensino de música nas escolas de educação básica. No mesmo ano, consolidou-se, na área da saúde, outra política que estava em trâmite no Ministério da Saúde desde 2006; a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) na Atenção Básica em Saúde (ABS).

É pertinente dizer que a PNPIC surgiu da necessidade de responder às reivindicações dos brasileiros que pediam por mudanças nas práticas assistenciais à saúde. Reforça-se que muitos já utilizavam experiências no âmbito da Medicina Tradicional Chinesa, Acupuntura, Música, Homeopatia, Fitoterapia, Medicina Antroposófica e Reike na rede pública de muitos Municípios e Estados, como Prática Integrativa e Complementar, PIC (BRASIL, 2006).

Partindo dessa premissa, percebe-se que a utilização da música na saúde dos brasileiros se soma com os princípios da Política Nacional de Humanização (PNH) do Sistema Único de Saúde (SUS). Dentro da gama de objetivos da PNH, encontra-se a ampliação das opções terapêuticas que são estabelecidas na ABS. Nessa ótica, quando se propõe a inserção das PIC, acaba-se valorizando as relações de afeto, vínculo e escuta dos usuários com o serviço, proporcionando uma atenção mais humanizada, acolhedora e resolvida.

No que tange aos periódicos nos quais os artigos foram publicados, verificou-se maior representatividade da Revista Brasileira de Enfermagem e da *Salud Mental*, ambas com 6% da amostra. Os periódicos Revista Latino Americana de Enfermagem, Paulista de Pediatria e o Arquivo Brasileiro de Cardiologia representaram 4% cada.

Com relação à classificação Qualis / Capes dos periódicos, o maior quantitativo de artigos (26%) foi publicado em periódicos avaliados com B1; seguido de A1 com 24%; A2, B2 e B3 com 14% cada; e B4 com 8%. Ressalta-se também que 56% dos artigos foram publicados em periódicos nacionais e 44% em periódicos internacionais.

Desse modo, a maior parte dos artigos elencados para revisão possui uma estratificação de qualidade, com alto fator de impacto, de acordo com o Qualis / Capes e o *Institute for Scientific Information (ISI)*. Essa classificação serve para analisar a qualidade dos estudos desenvolvidos nos programas de pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado). Assim, observa-se que os estudos que compuseram essa revisão integrativa demonstram qualidade e rigor científico, uma vez que foram publicados em revistas de alto impacto.

No que concerne aos tipos de desenho de estudo identificado nos artigos da amostra, verificou-se uma maioria de estudos com desenhos experimentais (60%), restando (40%) para não experimentais.

Quanto às ações musicais adotadas nos estudos, os achados indicam que boa parte dos autores utilizou a música como instrumento de intervenção na área da saúde e da educação, sendo a musicoterapia receptiva o método de intervenção musical mais utilizado.

A musicoterapia receptiva consiste na utilização de músicas gravadas de acordo com a identidade sonora (Iso) do indivíduo e aplicadas, de forma sistemática, de acordo com o objetivo do pesquisador. Nesse método, o indivíduo recebe os sons por meio da audição de músicas previamente selecionadas e gravadas, utilizando recursos de áudio como CD Player e MP3. Salienta-se que as experiências receptivas têm sido mais fáceis, atualmente, devido às tecnologias e aos diversos estilos musicais que favorecem uma experiência mais significativa (VIANNA *et al.*, 2013; BIGLIASSI *et al.*, 2012). Ortí, Espinós e Iranzo (2014) reforçam ainda que o método da

musicoterapia receptiva é, provavelmente, o mais conhecido e utilizado nas pesquisas clínicas. A escuta de músicas visando procedimentos de relaxamento ou ativação psicomotora, é um método muito utilizado por terapeutas.

No que tange à escolha das músicas, 75% dos estudos valorizaram as preferências dos participantes quanto ao gênero musical (CAITANO *et al.*, 2014; VIANNA *et al.*, 2013; BIGLIASSI *et al.*, 2012). No entanto, não há indícios de tais estudos terem realizado a identificação da Iso que, segundo Benenzon (1988), é crucial na terapia musical. Benenzon (1998) defende que é por meio da identidade sonora do ser humano que o musicoterapeuta consegue identificar as afinidades musicais latentes e desenvolvidas no inconsciente, é o que o autor chama de Iso Gestáltico. Já nos 25% dos estudos restantes (NOGUEIRA *et al.*, 2015; BUITRAGO, 2014; GRAIFF, 2014; CAITANO *et al.*, 2014; SILVA *et al.*, 2013) os participantes realizaram suas escolhas musicais a partir de um repertório previamente selecionadas pelo pesquisador. Em geral, essa escolha seguiu parâmetros identificados em outros estudos, que defendem a utilização de diferentes gêneros musicais (clássico, folclórico, popular, religioso, nacional e internacional).

Cabe inferir também que, em todas as terapias musicais identificadas nos 50 estudos, o tempo de atuação em cada encontro variou de 30 a 60 minutos, com sons suaves e prolongados, de baixa frequência, com 60 a 80 batidas por minuto, aproximando-se da frequência cardíaca em condição de relaxamento.

Quanto à análise das evidências científicas acerca da ação da música como elemento interdisciplinar, os estudos revelaram que a música foi bem utilizada em intervenções na saúde e educação. Carvalho e Térzis (2009) e Albuquerque *et al.* (2012), realizaram um estudo com doze idosos com doença de Alzheimer, em que discutiram a evidência ligada ao uso da música para melhoria das funções cognitivas relacionadas ao aprendizado, linguagem, compreensão e memória. Nesse estudo, a terapia musical utilizada como atividade neuropsicológica permitiu que os idosos acessassem algumas funções cerebrais, tornando a música um instrumento capaz de tecer novamente a conexão com a memória, evocando lembranças e resgatando o significado da vida.

Já no estudo de Pinto Junior *et al.*(2012), evidenciou-se que a utilização da música promoveu um efeito positivo na redução da ansiedade de 29 pacientes em um hospital público de Natal - RN. Outros estudos (SERNA-OVIEDO; RIVERA, 2013; SCARPETTA *et al.* 2012; PIMENTEL; BARBOSA; CHAGAS, 2011; MARCONATO, 2001) evidenciaram que a musicoterapia foi eficaz para o tratamento da ansiedade, tanto em indivíduos com transtornos psiquiátricos, como em crianças com síndrome de *Down* e profissionais da saúde, ou seja, em todos esses casos há evidências de que a prática musicoterápica potencializou a expressão, fomentando o protagonismo e a autonomia dos participantes, relaxando-os e reduzindo os níveis de ansiedade.

Constatou-se, também, que a musicoterapia reduziu os níveis de estresse, uma vez que 12% dos estudos (CAITANO *et al.*, 2014; VIANNA *et al.*, 2013; BANCARALI; OLIVA, 2012; DAVIDOFF, 2011) apontaram esse achado. Na pesquisa feita por Caitano *et al.* (2014), em um centro cirúrgico, observou-se que ao tentarem se adaptar à dinâmica hospitalar, os pacientes geravam situações de sofrimento psíquico, estresse, medo e angústia. Ao aplicarem a musicoterapia, proporcionaram a melhoria do estresse, não só nos pacientes, mas também nos profissionais de saúde envolvidos no processo. De acordo com seus relatos, os pacientes mostraram-se mais tranquilos e menos ansiosos, e a equipe de profissionais, no decorrer do ato cirúrgico, mostrou-se mais harmônica e tranquila. Ademais, outros estudos concluíram que sessões de musicoterapia receptiva influem favoravelmente na sensação de conforto, e também reduzem os níveis de estresse e ansiedade durante o trabalho de parto e nascimento (CARDOSO; FARIAS; MELO, 2014; VIANNA *et al.*, 2013).

Destaca-se que, a melhoria no desenvolvimento neuropsicomotor foi constatada em 10% dos artigos. Fragata e Correia (2010) realizaram 24 sessões de musicoterapia receptiva em pacientes com demência vascular, e notaram uma melhora na linguagem expressiva e comportamental. Corroborando os estudos acerca do desenvolvimento neuropsicomotor, ao trabalharem com participantes com desordem de consciência, Puggina e Silva (2015) observaram o aumento da temperatura corporal, ruborizações faciais e melhora nas funções cardiorrespiratórias, depois da aplicação de técnicas musicoterápicas.

A redução das funções cardiorrespiratórias também foi apontada em alguns estudos (6%). Na obstetrícia, por exemplo, Vianna *et al.* (2013), ao realizarem um ensaio clínico controlado com 94 mães de recém-nascidos prematuros, demonstraram que a musicoterapia de improvisação diminuiu significativamente o ritmo cardíaco das mães e bebês. Além disso, a terapia musical melhorou a frequência respiratória e a saturação de oxigênio, bem como, deixou os bebês mais calmos, levando-os ao sono profundo após 30 minutos do término da sessão. Vianna *et al.* (2013), realizaram também a musicoterapia receptiva, com sessões de 30 minutos e compararam com a terapia de improvisação encontrando resultados semelhantes. Silva *et al.* (2013), demonstraram ainda, que o feto responde às experiências musicais tanto vocal, pelo método de improvisação, quanto pelo método receptivo. Em ambos os métodos, houve uma melhora na frequência cardíaca e diminuição dos movimentos fetais.

No estudo desenvolvido por Zanini *et al.* (2009), em pacientes com Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS), os métodos musicoterápicos reduziram satisfatoriamente os níveis de pressão arterial. Os autores defendem que a inserção da musicoterapia como possibilidade terapêutica no

tratamento da HAS é uma medida holística, uma vez que o ser humano se constituiu em uma gama de sistemas interdependentes e integrados; dessa forma, o especialista musical se familiariza com as afecções que podem estar acometendo o indivíduo.

A redução da dor foi evidenciada em 6% dos estudos, tanto em participantes adultos quando em crianças. Tabarro *et al.* (2010) e Cruz, Pirovich e Peña (2003) relataram em seus estudos que a música aliviou a dor durante as contrações uterinas, auxiliando também na diminuição da tensão e do medo. Da mesma forma, no estudo desenvolvido por Franco e Rodrigues (2009) com pacientes oncológicos, os resultados apontaram a redução nos sinais vitais e na intensidade da dor nos dez pacientes da amostra.

A otimização do condicionamento físico foi discutida também como principal achado em 6% dos estudos. Os resultados obtidos sugerem que a musicoterapia receptiva é eficaz para aumentar o ganho de peso corporal de prematuros hospitalizados (AUTO; AMANCIO; LANZA, 2013). Já nos estudos de Souza e Silva (2012), os resultados mostram que a música melhora o desempenho nos exercícios físicos, fazendo com que atletas consigam um bom desempenho em exercícios submáximos.

Por sua vez, Mozer, Oliveira e Portella (2011), ao realizarem estudos com idosos, defendem que a musicoterapia potencializa a atividade física dos idosos e que busca desenvolver potenciais e restaurar funções, para que os idosos alcancem uma melhor qualidade de vida através da prevenção ou reabilitação.

O uso da música foi indicado também como redutor nos níveis de depressão (8%). Troice e Sosa (2003), pesquisando 15 pacientes com diagnósticos de esquizofrenia e/ou depressão, indicaram que, após as sessões musicais, os pacientes se encontravam mais animados, otimistas e participativos durante a terapia em grupo. Os autores concluíram que a música pode facilitar a retenção e participação ativa no tratamento tanto da esquizofrenia como da depressão.

De modo similar, Gutiérrez *et al.* (2013) mostraram que a musicoterapia consegue ativar determinadas regiões cerebrais como giro temporal medial superior, tálamo, giro fusiforme e parahipocampal. Os autores pontificam que a música atinge o giro temporal medial superior, devido a sua responsabilidade pela audição sensorial. Já o tálamo, giro fusiforme e a região parahipocampal, são responsáveis pelas emoções, pela construção facial dos indivíduos e pelo processamento da memória. A música, ao adentrar nessas regiões, consegue ativá-las, causando uma redução significativa nos níveis de depressão.

Evidenciou-se também que o aleitamento materno (2%) e as relações interpessoais (4%) são potencializadas de forma significativa quando aplicados os métodos musicoterápicos (TABARRO *et al.*, 2010; GUAZINA; TITTONI, 2009). Tabarro *et al.* (2010) identificaram que a musicoterapia

teve efeito significativo no aumento do índice de aleitamento materno entre mães de recém-nascidos prematuros na primeira consulta, e uma influência positiva (embora não significativa) que se estendeu até 60 dias depois da alta.

Mais especificamente da área da educação, Castro e Ferreira (2016) realizaram um estudo de múltiplos casos no campo da educação especial infantil. Esses autores utilizaram a música por meio do violino em três crianças autistas e evidenciaram uma melhora significativa na memorização e na redução da ansiedade, comprovando que a música produz efeito positivo e pode ser aplicada por escolas e instituições de atendimento a crianças especiais.

Pesquisa semelhante, mas mais abrangente, foi realizada por Yong *et al.* (2014), na China, com 250 crianças do ensino médio. O objetivo do estudo foi examinar a relação entre a música e o desenvolvimento da criança com base no rendimento acadêmico, nas disciplinas de inglês e matemática. Os autores apontaram que a música potencializa os aspectos cognitivos relacionados ao raciocínio, memorização e linguagem, reforçando a importância da incorporação da música, não apenas como uma disciplina na grade curricular, mas como uma atividade laboral dentro das escolas.

Com base nessas evidências, pode-se inferir que o uso da música é uma terapêutica complementar valiosa, que exerce influência sobre os aspectos neurocognitivos, emocionais, psíquicos e sociais. Portanto, desempenha importante papel na manutenção e melhora da qualidade de vida, além de propiciar maior interação do indivíduo com o meio social e familiar. Tudo isso porque a música possibilita que a pessoa orquestre a tríade mente, corpo e coração, resgatando sua identidade sonoro-musical (TAETS *et al.*, 2013). Em suma, a musicoterapia faz o indivíduo colocar-se na posição de maestro de sua própria vida e da vida de muitas outras pessoas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa revisão integrativa cumpre sua função na medida em que revela as evidências científicas acerca da ação da música como elemento interdisciplinar. Diante dos resultados encontrados, pode-se concluir que a música se mostrou um instrumento eficaz para ser utilizado em intervenções na área da saúde e educação, bem como pode ser ampliada em outros campos disciplinares. A utilização da música não possui efeitos adversos quando utilizado em seres humanos e promove, terapeuticamente, a redução da ansiedade, estresse e dor, melhorando os aspectos cognitivos, o condicionamento físico e os padrões cardiorrespiratórios, bem como minimizando a depressão e potencializando o desenvolvimento e manutenção da saúde do ser humano.

Por fim, sugerindo que os pesquisadores dessa temática estão desenvolvendo estudos de qualidade, ressalta-se que este trabalho propiciou uma reflexão relevante, ampliando o conhecimento sobre as evidências científicas que permeiam o uso da música, e como ela é interdisciplinar.

Reconhecem-se as limitações deste estudo e compreende-se que mais investigações relacionadas a essa temática devam se realizar, uma vez que provoca discussões e necessita de aprofundamento teórico-empírico.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. C. S. *et al.* Os efeitos da música em idosos com doença de Alzheimer de uma instituição de longa permanência. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 14, n. 2, p. 404-413, 2012. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v14/n2/v14n2a21.htm>. Acesso em: 28 jan. 2017.
- AUTO, F. M. L; AMANCIO, O. M. S; LANZA, F. C. Efeito da música sobre o ganho de peso de prematuros maiores de 32 semanas: ensaio clínico randomizado. **Revista Paulista de Pediatria**, 2013. v. 31, n. 3, p. 293-299.
- BANCARALI, S. L; OLIVA, M. P. Efecto de la musicoterapia sobre los niveles de estrés de los usuarios internos de la clínica de odontología de la universidad del desarrollo. **International Journal Odontostomatology**, 2012. v. 6, n. 2, p.189-193.
- BARANOW, A. L. **Musicoterapia: uma visão geral**. São Paulo: Enelivros, 1999.
- BENENZON, Rolando. **Teoria da musicoterapia: contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal**. 3 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.
- BENETTI, I. C; GISARD, E; SILVA, L. M. A percepção do professor sobre os efeitos da música no comportamento dos alunos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 2014. v. 14, n. 2, p. 474-496.
- BIGLIASSI, M. *et al.* Influência da música em variáveis psicofisiológicas durante um exercício submáximo em ciclo simulador. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, 2012. v. 17, n. 6, p. 532-542.
- BLASCO, F. Evaluación de los efectos psicológicos de la música a través de un diferencial semántico. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, 1996. v. 1, n. 2, p. 5-23.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde**. Organizado pela Secretaria de Atenção à Saúde de Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: <<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/>>
- BUITRAGO, Y. Q. Musicoterapia en niños con implante coclear. **Revista de Otorrinolaringología y Cirugía de Cabeza y Cuello**, 2014. v. 74, n. 3, p. 215-227.
- CAITANO, J. S. O. *et al.* Música durante o transoperatório: concepção de profissionais e pacientes. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, 2014. v. 16, n. 2, p. 76-83.
- CARDOSO, M. V. L. M. L; FARIAS, L. M; MELO, G. M. Música e glicose 25% no alívio da dor dos prematuros: ensaio clínico randomizado. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, 2014. v. 22, n.5, p.810-814.

- CARVALHO, J. P. E; TÉRZIS, A. Experiências com um grupo de crianças através da música: um estudo psicanalítico. **Vínculo – Revista do NESME**, 2009. v. 1, n. 6, p. 01-11.
- CASTRO, T; FERREIRA, N. Vitula assistiva: tecnologia assistiva no ensino de violino para crianças com autismo. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, 27, 2016, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: SBC, 2016. p. 876-885. Disponível em: <<http://www.br.org/pub/index.php/sbie/article/view/6773/4658>>. Acesso em: 25 abr. 2017.
- CÔRTE, B; LODOVICI NETO, P. A musicoterapia na doença de Parkinson. **Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, 2009. v. 14, n. 6, p.2295-2304.
- CRUZ, S. P; PIROVICH, B. H; PEÑA, T. E. La música en el trabajo de parto. **Revista Chilena de Obstetricia y Ginecología**, 2003. v. 68, n.1, p.1-8.
- DAVIDOFF, F. Music lessons: what musicians can teach doctors (and other health professionals). **Annals of Internal Medicine**, 2011. v. 154, n. 6, p. 426-429.
- DEKANEY, E. M; MACEDO, E. C. Cultural tolerance and music preference: the effect of interdisciplinary lessons on students' aesthetic response. **Psicologia: Teoria e Prática**, 2005. v. 7, n. 2, p.115-133.
- ERKKILÄ, J. *et al.* The effect of improvisational music therapy on the treatment of depression: protocol for a randomized controlled trial. **BioMed Center Psychiatry**, 2008. v. 8, n. 50, p.1-9.
- FERNÁNDEZ, R. C; VÁZQUEZ, M. D. M; CHAO, A. M. L. Se trabajan de forma interdisciplinar música y matemáticas en educación infantil. **Educación e Pesquisa**, 2015. v. 41, n. 4, p.1009-1022.
- FITCH, W. T. Four principles of bio-musicology. **Philosophical Transactions of the Royal Society B**, 2017. v. 370, s/n, p. 1-11.
- FLORES-GUTIÉRREZ, E. O. *et al.* Procesamiento de la música en el primer episodio de trastorno depresivo mayor sin tratamiento. **Salud Mental**, 2013. v. 36, n. 1, p. 449-457.
- FRAGATA, G. M; CORREIA, C. M. F. Musicoterapia e reabilitação neuropsicológica: estudo de caso de paciente com demência vascular. **Neurociências**, 2010. v. 6, n. 2, p.127-132.
- FRANCO, M; RODRIGUES, A. B. Music therapy in relief of pain in oncology patients. **Einstein**, 2009. v. 7, n. 2, p. 147-151, 2009.
- GRAIFF, C. Musica e medicina: il progetto donatori di musica. **Recenti Progressi in Medicina**, 2014. v.105, n. 10, p. 366-369.
- GUAZINA, L. E; TITTONI, J. Musicoterapia institucional na saúde do trabalhador: conexões, interfaces e produções. **Psicologia & Sociedade**. Paraná, 2009. v. 21, n. 1, p. 108-117.
- GUTIÉRREZ, E. O. F. *et al.* Procesamiento de la música en el primer episodio de trastorno depresivo mayor sin tratamiento. **Salud Mental**, México, 2013. v. 36, n. 6, p.449-457.
- LEÃO, E. R; FLUSSER, V. Música para idosos institucionalizados: percepção dos músicos atuantes. **Revista da Escola de Enfermagem**, Universidade de São Paulo, 2008. v. 42, n. 1, p.73-80.
- MARCONATO, C. Application of receptive music therapy in internal medicine and cardiology. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, 2001. v. 77, n. 2.
- MARIANO, F. L. R; FIAMENGHI JUNIOR, G. A. Avós/cuidadoras e seus netos com deficiência: uma experiência em musicoterapia. **Aletheia**, 2011. n. 34, p. 138-150.

- MENDES, M. V. S. *et al.* Crianças com retardo do desenvolvimento neuropsicomotor: musicoterapia promovendo qualidade de vida. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2015. v. 68, n.5, p.515-520.
- MOZER, N. M. S; OLIVEIRA, S. G; PORTELLA, M. R. Musicoterapia e exercícios terapêuticos na qualidade de vida de idosos institucionalizados. **Estudos Interdisciplinares de Envelhecimento**, 2011. v. 16, n. 2, p. 229-244.
- NOGUEIRA, M. L. *et al.* Globally chaotic analysis of heart rate variability during acute auditory stimulus by heavy metal music. **Medical Express**, 2015. v. 5, n.2, p.1-7.
- OIKKONEN, J. *et al.* Creative activities in music – a genome-wide linkage analysis. **PLoS One**, 2016. v. 11, n.2, p.1-21.
- ORTÍ, J. E. R; ESPINÓS, P.S; IRANZO, C. C. Impacto fisiológico de la musicoterapia en la depresión, ansiedad, y bienestar del paciente con demencia tipo Alzheimer. Valoración de la utilización de cuestionarios para cuantificarlo. **European Journal of Investigation in Health, Psychology and Education**, 2014. v. 4, n.2, p. 131-140.
- PIMENTEL, A. F. *et al.* Evidências de validade e precisão da escala de coping através de ouvir Música. **Psicologia**. Universidade de São Francisco, 2012. v. 17, n.1, p.141-151.
- PINTO JUNIOR, F. E. L. *et al.* Influência da música na dor e na ansiedade decorrentes de cirurgia em pacientes com câncer de mama. **Revista Brasileira de Cancerologia**, 2012. v. 58, n. 2, p.135-141. [publicacoes/pnpic.pdf](#)>. Acesso em: 01 de fev. 2017.
- PUGGINA, A. C. G; SILVA, M. J. P. Pacientes com desordem de consciência: respostas vitais, faciais e musculares frente música ou mensagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2015. v. 68, n.1, p. 102-110.
- SALES, C. A. *et al.* A música na terminalidade humana: concepções dos familiares. **Revista da Escola de Enfermagem**, Universidade de São Paulo, 2011. v. 45, n. 1, p. 138-145.
- SÄRKÄMÖ, T. *et al.* Clinical and demographic factors associated with the cognitive and emotional efficacy of regular musical activities in dementia. **Journal Alzheimer's Disease**, 2016. v. 49, n. 3, p. 767-781.
- SÄRKÄMÖ, T. *et al.* Cognitive, emotional, and social benefits of regular musical activities in early dementia: randomized controlled study. **The Gerontologist**, 2014. v. 54, n. 4, p. 634–650.
- SCARPETTA, R. A. G. *et al.* Musicoterapia para el control de ansiedad odontológica en niños con síndrome de Down. **Hacia la Promoción de la Salud**, 2012. v. 17, n. 2, p. 13-24.
- SERNA-OVIEDO, G; RIVERA, S. C. Musicoterapia: una alternativa de tratamiento para la ansiedad del personal de enfermería psiquiátrica. **Enfermería Neurológica**, 2013. v. 12, n. 1, p. 18-26.
- SILVA, C. M. *et al.* Respostas fisiológicas de recém-nascidos pré-termo submetidos à musicoterapia clássica. **Revista Paulista de Pediatria**, 2013. v. 31, n.1, p.30-36.
- SILVA, L. M. *et al.* A utilização da música nas atividades educativas em grupo na Saúde da Família. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, 2013. v. 21, n. 2, p. 1-9.
- SOUZA, Y. R; SILVA, E. R. Análise temporal do efeito ergogênico da música assíncrona em exercício. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, 2012. v. 14, n. 3, p. 305-312.
- TABARRO, C. S. *et al.* Efeito da música no trabalho de parto e no recém-nascido. **Revista da Escola de Enfermagem**, Universidade de São Paulo, 2010. v. 44, n. 2, p. 445-452.

- TAETS, G. G. C. *et al.*. Impacto de um programa de musicoterapia sobre o nível de estresse de profissionais de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2013. v. 66, n. 3, p. 385-390.
- TROICE, E. M; SOSA, J. J. S. La experiencia musical como factor curativo en la Musicoterapia con pacientes con esquizofrenia crónica. **Salud Mental**, 2003. v. 26, n. 4, p.47-58.
- VIANNA M. N. S. *et al.*. A musicoterapia pode aumentar os índices de aleitamento materno entre mães de recém-nascidos prematuros: um ensaio clínico randomizado controlado. **Revista de la Sociedad Boliviana de Pediatría**, 2013. v. 52, n.3, p. 1-11.
- WHITTEMORE, R; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, 2005. v. 52, n.5, p.546-53.
- YAMASAKI, A. *et al.*. Musical preference correlates closely to professional roles and specialties in operating room: a multicenter cross-sectional cohort study with 672 participants. **Surgery**, 2016.v. 159, n. 5, p. 1260-1268.
- YAMASHITA, F. C. *et al.*. Efetividade da fisioterapia associada à musicoterapia na doença de Parkinson. **ConScientiae Saúde**, 2012. v. 11, n. 4, p. 677-684.
- YANG, H. *et al.*. A longitudinal study on children's music training experience and academic development. **Scientific Reports**, 2014. v. 5854, n. 4, p.1-6.
- ZANINI, C. R. O. *et al.* O efeito da musicoterapia na qualidade de vida e na pressão arterial do paciente hipertenso. **Arquivo Brasileiro de Cardiologia**, 2009. v. 93, n. 5, p. 534-540.

Os artigos acima foram selecionados para compor a amostra da pesquisa.